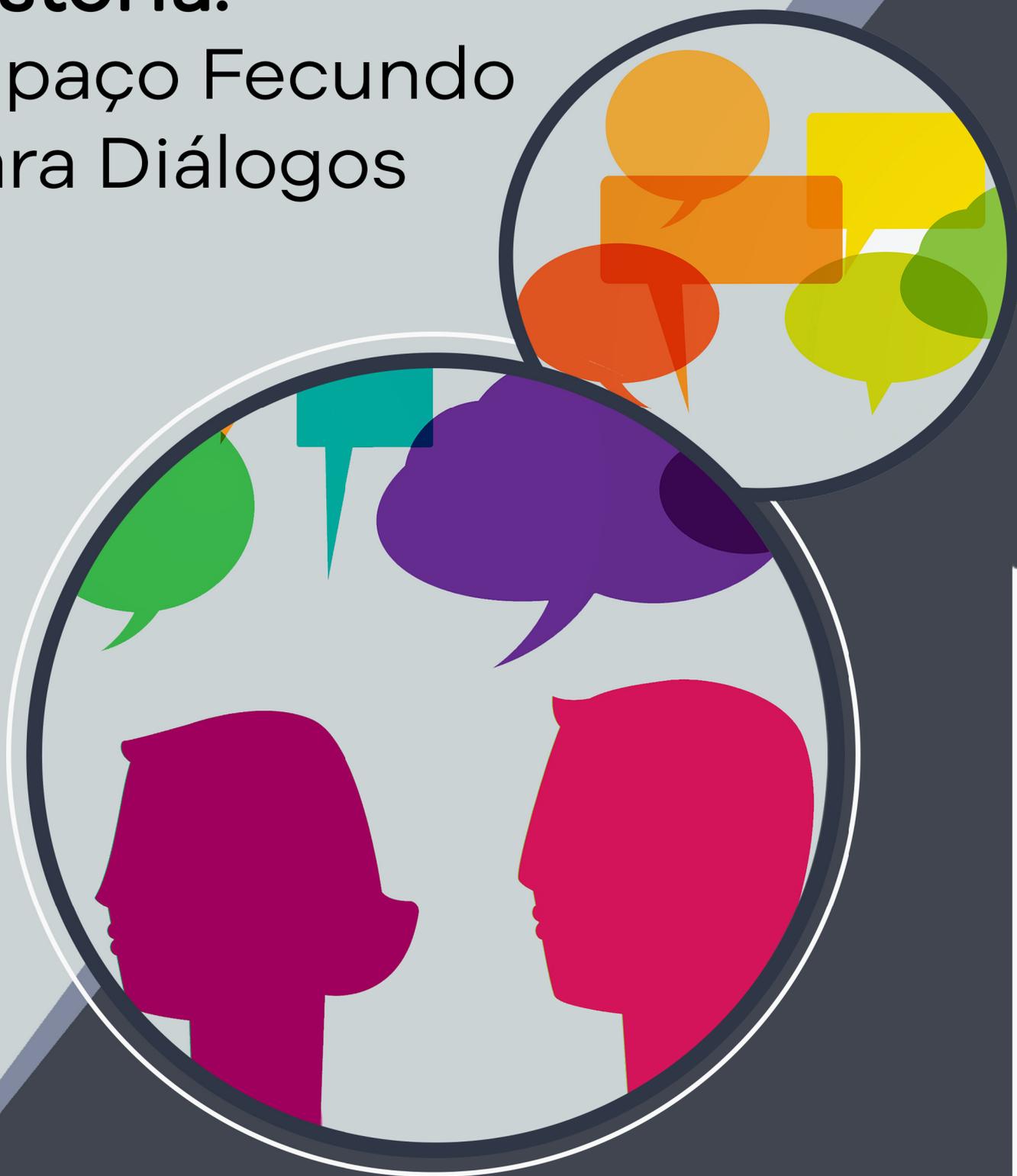


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLET-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950

Cristiane Lima Santos Rocha

Mestre em História Regional e Local – SEC/BA
Salvador – Bahia

RESUMO: O que significava ser uma *Princesa* na modernização republicana? Em busca de respostas nos deparamos com uma *Princesa* que expressa sua contradição, seu conflito: ser moderna e ser honrada. E o horizonte de possibilidades aberto nessa incoerência enuncia a dinâmica da vida cotidiana; permite estabelecer uma narrativa da cidade tradicional, da cidade moderna e das implementações modernizantes que conflitavam e complementavam uma e outra. O presente texto tem como foco principal analisar as noções, ideias, regras, normas que corporificaram a *Princesa do Sertão* dos anos de 1940 a 1950, percebendo como as imagens da cidade moderna e da cidade honrada foram selecionadas para assessorar a construção visual da presença do moderno em Feira de Santana, acentuada por um lado, pela matização e desenho da cidade moderna; por outro, iluminando certos traços de uma tradição reinventada como desafio ao moderno imaginado. Para tanto, as abordagens estarão vinculadas à História Regional/Local, baseadas nos domínios da História Urbana e a organização dos espaços, hábitos e costumes urbanos; e dos estudos de gênero, tendo como

dimensão a História Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: História; Feira de Santana; Modernização; Sociabilidades.

SENSITIVITIES OF A SPACE: BEING A PRINCESS IN THE MODERNIZATION REPUBLICAN – FEIRA DE SANTANA 1940 TO 1950

ABSTRACT: What did it mean to be a Princess in Republican modernization? In search of answers we are faced with a Princess who expresses her contradiction, her conflict: being modern and being honored. And the horizon of possibilities open in this incoherence enunciates the dynamics of everyday life; allows us to establish a narrative of the traditional city, the modern city and modernizing implementations that conflicted and complemented each other. The main objective of this text is to analyze the notions, ideas, rules, norms that embodied the Sertão Princess from the 1940s to 1950, perceiving how the images of the modern city and the honored city were selected to assist the visual construction of the presence of the modern in Feira de Santana, accentuated on one side by the tinting and design of the modern city; on the other hand, illuminating certain traces of a tradition reinvented as a challenge to the imagined modern. To this end, the approaches will be linked to Regional / Local History, based on the areas of Urban History and the

organization of urban spaces, habits and customs; and of the studies of gender, having as dimension the Cultural History.

KEYWORDS: History; Feira de Santana; Modernization; Sociabilities.

Começaremos por um ato imoral: desnudar o corpo de Feira de Santana, a “*Princesa do Sertão*” que atraiu e seduziu seus habitantes e seus passantes no período de 1940 a 1950. É preciso dizer, o que nos seduz. Não é a opulência e sua realce comercial, muito menos seu coração, onde se dá a pulsação dos negócios tratados no Campo do Gado. Seduz-nos seu corpo. De silhuetas femininas, dignas de uma princesa, modelada por rígidos padrões que conformam a masculinidade e feminilidade dos sujeitos, no processo de moralização dos comportamentos, seu corpo precisa ser descoberto pelo olhar. Necessitamos então, entreter nossos olhos no perfil do espaço arquitetado, na busca de uma narrativa que torne plena de significação as imagens para ela construídas.

O olhar atento nos faz reconhecer imediatamente que nesse corpo as marcas do masculino são múltiplas e nos diz dos homens que criaram falas e desejos diferentes e dinâmicos. O corpo da nossa *Princesa do Sertão* dissimula suas alegrias e conquistas para garantir entretenimentos mais íntimos, trazendo subjacente, virtudes morais que tendem a abafar qualquer imagem de desonra.

Deslizando sobre cada curva do seu corpo, a *Princesa* expressa a tensão presente na construção visual do moderno, acentuada pela matização e desenho da cidade que se quer moderna através da amortização dos traços pastoris. Entretanto, de algum modo, a dinâmica a ser projetada descortina-se ainda timidamente, em apenas alguns traços e sintomas de modernidade. O corpo da *Princesa do Sertão* é exposto de uma forma desrespeitosa ao ser envolvido por pás, picaretas e tratores, fazendo surgir a cidade com fisionomia idealizada.

Assim, no presente artigo discutiremos a Feira de Santana dos anos de 1940 a 1950, buscando vislumbrar como seus sujeitos construíram os significados de “moderno” ou “atrasado”, quando da elaboração das imagens modernas e honradas que se queria para a cidade, imagens que se referiam tanto aos comportamentos dos grupos quanto dos sujeitos enquanto indivíduos.

Traçar uma imagem da Feira de Santana de 1940 é ilustrar uma cidade que ainda vivia sob a preponderância do comércio em sua economia, com seus limites urbanos ainda muito curtos, sem a existência do *Feira Tênis Clube* (Ver ROCHA, 2018) tendo como principais festas a micareta e a Festa de Santana. Uma cidade ainda provinciana, mesmo que já tivesse garantido sua posição de importância como a segunda maior cidade da Bahia, mas, também uma cidade palco das tensões entre os costumes tradicionais e os hábitos de uma sociedade de pequenos grupos sociais que negociavam suas questões através da força.

Contudo, uma epidemia do novo e moderno se instalava no gosto dessa cidade,

as notícias veiculadas no jornal *Folha do Norte* davam conta das mudanças que colocavam a *Princesa do Sertão* como a cidade ligada à modernização da urbe que contrastava com as representações do mundo pastoril na qual estava inserida. A modernização tornou-se um objetivo a ser alcançado na tentativa de desprender do atraso que impedia a consolidação das práticas urbanas.

Pouco a pouco, a autoridade dos coronéis constituída pela força e pelo mando, era substituída por uma composição social fundamentada no poder financeiro. A modernização que foi vivida na Feira de Santana dos anos de 1940 a 1950, teve no interior das relações sociais pouca alteração, camuflando através da urbanização, sob a aparência do novo, suas permanências e continuidades históricas, o que nos permite dizer que a experiência de introdução do moderno na *Princesa do Sertão* foi, antes de tudo, uma alteração da aparência física do pequeno centro da cidade, sendo nitidamente visualizada nas páginas do jornal *Folha do Norte*.

A Feira de Santana dos periódicos foi aquela que vivenciou o projeto de modernização com apreensão e, ao mesmo tempo, na tensão que se estabeleceu entre a tradição e os valores do moderno, a destruição dos cenários para a construção de uma identidade. Através das páginas do jornal *Folha do Norte*, no período em estudo, especialmente no decorrer da década de 1950, se formava o moderno pela via da letra, na vida dos leitores, que foi posto em prática de uma forma que não alterasse as bases de uma sociedade hierárquica e excludente.

Portanto, a proposta de modernização em Feira de Santana efetuou um arranjo entre os ideais do moderno e a ordem já estabelecida. O ato físico de construir a nova cidade remeteu ao universo simbólico e material de seu ingresso no mundo dos valores nacionais, já que a remodelação urbana era paralela ao que era percebido como seu saneamento estético e moral: o apagamento da cidade sertaneja, pastoril e a construção de um cenário moderno.

Feira de Santana buscou se alinhar aos valores nacionais, por um lado fazendo com que as instituições sociais, econômicas, políticas e culturais, se aproximassem dos padrões estabelecidos pelo capitalismo, de outro exorcizando e/ou valorizando as peculiaridades da cidade. É óbvio que esse esforço de compreensão e compromisso não se organizava sempre na mesma direção, uns preconizam a modernização em moldes democráticos, outros em termos conservadores.

No que diz respeito à industrialização, ela era incipiente e pouco representava para a economia do município, é possível dizermos que o desenvolvimento industrial de Feira de Santana foi assinalado por características histórico-estruturais próprias, onde o comércio não foi contido pelas atividades industriais, permanecendo como a principal atividade econômica.

Mas a insistência na valorização da vida urbana marcava os novos tempos, onde a ânsia pela diminuição dos aspectos interioranos da cidade e a alteração dos contornos da moralidade, acentuava os aspectos positivos da urbanização como o grande alicerce da modernidade feirense. Entretanto, a década de 1950, chegava

a *Princesa do Sertão*, estabelecendo ainda um convívio tenso entre o moderno e o tradicional.

Esta problemática repõe um dilema cujas raízes mais profundas podem ser encontradas na radicalização das tendências conflitivas que constituem a modernidade – emancipação e controle (GIDDENS, 1991); racionalização e subjetivação (TOURAINÉ, 1994); razão universal e individualismo (HARVEY, 1993); subjetividade e cidadania/ regulação e emancipação (SANTOS, 1995).

Nessa nova cidade, as tradições, continuariam existindo no espaço urbano, ainda que ocupando um espaço bastante delimitado, pois para as elites feirenses deveriam ficar escondidas nos distritos que representavam o mau gosto e o atraso, por acreditarem não ter lugar na cidade, que agora contava com ruas retas e praças urbanizadas.

Assim, começava a ser delineada uma modernidade que tinha como alicerce a valorização da urbanização a partir da qual as instituições civis, políticas, jurídicas e religiosas começavam a interferir na conduta dos sujeitos sociais buscando diminuir os aspectos interioranos da cidade e alterar os contornos da moralidade marcando os novos tempos, construindo a modernidade feirense.

Mas, se o progresso da urbanização era evidente, também o aguçamento da anulação de tradições representativas do tempo que ligeiramente se extenuava colocava em evidência a questão das identidades que culturalmente iam sendo estabelecidas, levando ao estreitamento dos laços de pertencimento dos grupos sociais que criavam seus símbolos distintivos, marcando uma reorganização do cenário político local (Ver HALL, 2000).

Aos novos códigos de modernidade se misturavam as particularidades da cidade atreladas a mecanismos de reprodução dessa modernidade, havia que se propagar a “cidade moderna, grande e bela” que era Feira de Santana. Não sem razão que o jornal *Folha do Norte* em agosto de 1950 (FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 26 ago 1950, p.01), transcreveu *A Voz do Professor* pertencente a Associação Unificadora dos Professores Primários, com sede em Salvador, para sintetizar os encantos da Feira com “amplas e movimentadas avenidas, prédios modernos e vida social intensa”(FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 26 ago 1950, p.01)

[...] quando chegamos a Feira de Santana. Sabíamos, de antemão, que Feira era cidade moderna, grande e bela. Sabíamos também ser uma cidade populosa e movimentada. E sabíamos ainda que era culta, progressista e hospitaleira. Tudo, porém, excedeu à nossa expectativa. [...] Pequenininha e ativa célula desse organismo viril e gigantesco que é o nosso amado Brasil. Vimos em Feira, nas suas amplas e movimentadas avenidas, nos prédios modernos, na sua vida social intensa e na sua privilegiada posição de cidade tronco de todo o comércio interno bahiano, o celeiro exuberante e interminável de riquezas e esperanças crescentes. [...] Todos querem obsequiar, dar alguma causa ou simplesmente oferecer-se para mostrar os seus prédios e novidades. Concluímos finalmente, o nosso julgamento sobre Feira de Santana dizendo apenas a frase que nos veio à mente para sintetizar os seus encantos: imagem de mulher, sedutora, bela, forte e boa. (FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 26 ago 1950, p.01)

Ainda que sob ótica dos visitantes a “hospitalidade dos feirenses fosse algo transcendente e inconfundível”, a ponto de “não se perceber as diferenças de classes”. Uma contradição permeava a *Princesa do Sertão* ao mesmo tempo em que era a cidade “moderna, grande e bela” era “pequenina” embora “ativa” enquanto “célula do organismo viril e gigantesco do Brasil”. A Princesa “sedutora, bela, forte e boa” conquistava uma posição privilegiada pelo fato de ser “tronco do comércio interno bahiano”(FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 26 ago 1950, p.01).

O recurso à incorporação do princípio feminino para representar a cidade projeta a imagem da cidade-mãe (hospitaleira), da cidade-fêmea (sedutora), recurso portador de valores que singularizavam a cultura feirense e também o seu projeto de modernização, uma vez que nos permite articular um entendimento da modernização como feminina, portanto, uma mulher a ser esculpida.

Esta face da representação da cidade insiste nas imagens agregadoras e harmônicas de sua relação com o projeto nacional de modernização. Assim, seus lugares, formas, olhares, falas e gestos eram tão femininos que faziam da *Princesa do Sertão* um complemento da virilidade nacional, deixando de ser um corpo para ser um membro feminino da região.

Ser uma Princesa numa modernização republicana naquele momento significava para os grupos sociais da pequena elite local, seguir as regras de implementação de projetos de melhoramentos do perímetro urbano, através da construção e manutenção de edifícios públicos, do incremento da indústria e da expansão dos volumes dos serviços comerciais, o que viria a colocar no centro do debate temas como ordem pública, moralidade e higiene, apregoando a submissão de práticas e comportamentos não tolerados a uma constante vigilância.

A cidade que via desaparecer os lugares de sua memória coletiva e muitas de suas tradições inventadas para a cidade reformada via surgir, paralelamente, lugares marcados pelo enaltecimento de uma elegância que autenticasse a modernização que estava se delineando, que representasse as mais elegantes do interior, as mais elegantes da *Princesa do Sertão*. Ao colunista social Eme Portugal caberia esse papel pedagógico (SANTOS, 2010).

As práticas discursivas de chamamento do feminino à tarefa de construção de um ideal de modernização, podem ser vislumbradas através das fofocas presentes na coluna social de Eme Portugal em que as mulheres eram notadas pelos seus atributos físicos. Como pontuou Simone de Beauvoir “o ideal da beleza feminina é variável, mas certas exigências permanecem constantes: entre outras se exige que seu corpo ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher precisa deter o desejo” (BEAUVOIR, 1980, p.200).

Assim, à nova missão de mãe e esposa no patamar de Rainha do Lar, as mulheres deveriam investir na polidez, na elegância, na beleza, investir em fazer de si um artifício, reunindo os elementos necessários ao cumprimento de sua missão.

Eram nos espaços de sociabilidades que as mulheres, especialmente as moças

solteiras, poderiam exercitar a arte da sedução, valorizando seus atributos físicos através do vestuário e acessórios, entrando no jogo da conquista, sem, contudo, abrir mão de sua honra, enquanto virtude, respeitando a honra familiar.

Dirigindo-se a uma elite, e não à maioria da população, que permanecia sem acesso à versão do moderno e suas lições, propagadas nos periódicos do *Folha do Norte*, a linguagem direta presente na “Coluna Sociedade” auxiliava numa comunicação maior com o público leitor, já que um dos objetivos da coluna era rever de tudo quanto se passava nos eventos ocorridos no *Feira Tênis Clube*, ela era feita para os grupos sociais que faziam parte e frequentavam o clube, assim as notícias seguiam um tom de fofoca envolvendo, pois, o relato de fatos sobre o comportamento alheio, mais buscavam também construir memória e exercer uma função pedagógica na medida em que procurava imprimir um modelo que partia de um grupo social, mas que também atuava sobre ele, buscando orientar as percepções e as sensibilidades dos leitores a respeito da cidade e seus sentidos.

Associando humor e crítica social e uma clara militância pelo moderno, a “Coluna Sociedade” atuaria como veículo de propagação dos ideais do moderno, que não se circunscreveriam apenas ao âmbito da política ou da economia, mas também nas transformações dos costumes, dos comportamentos e das ideias daquele tempo. Num tom informal para dar um toque de intimidade com o seu leitor, buscava atingir seu principal objetivo: transmitir um ideal de belo e de modelo para a construção de um corpo moderno.

De forma que, coerentemente com o projeto de afirmação da modernização em Feira de Santana, Eme Portugal expressou nitidamente não apenas que não se dirigia às famílias das classes populares, como também as faziam desaparecer da cidade.

Mas, o investimento na modernização e na implantação de atitudes modernas não foi apenas na cidade, e com as moças feirenses, também aos rapazes seria lançado o artificialismo moderno que buscava afastar as novas gerações do modelo de masculinidade que representavam os patriarcas do passado. Numa cidade como Feira de Santana, enraizada numa tradição que enaltecia a masculinidade, a virilidade conviveria de forma tensa com a lógica da modernização dos hábitos, das aparências, onde as normas do bom gosto e da elegância estariam longe de serem avaliados como atributos estritamente femininos.

Aos homens inseridos na Feira de Santana dos anos de 1950 não cabiam mais as rudezas de costumes, a rigidez de caráter, mas também se temia uma afeminação (SIMÕES, 2007). Se a masculinização da mulher assinalava o declínio da instituição familiar na medida em que subvertia a ordem da dominação masculina. Também a possibilidade de feminilização do homem caracterizaria um atentado à moralidade pública, a honra familiar.

Assim, houve a necessidade de encaminhar os moços na apropriação do lugar social que lhes pertenciam por seu direito à precedência, para que não se desviassem

do destino de capitalizar alianças políticas, econômicas e familiares, mantendo a honra precedente, a moral e os bons costumes. De qualquer modo, os esforços feitos no intuito de construir para a *Princesa do Sertão* um lugar característico daquela modernidade foram estabelecendo novas identidades na quais jovens rapazes da pequena elite local feirense, articulando alianças matrimoniais tornavam-se orgulhosos de suas qualidades intelectuais e morais, vaidosos pelo poder financeiro que detinham. Com essa premissa que Eme Portugal apresentava aos brotos feirenses a lista dos maiores partidos da *Princesa* (FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 07 jun 1958, p.06).

Naquilo que podemos apreender que os lugares destinados às sociabilidades evidenciadas pelo colunista social Eme Portugal, eram espaços de negociação de honras, destacando-se, entre outros critérios, as virtudes pessoais, em que a elegância, a beleza física e o comportamento virtuoso se constituíam no capital feminino, enquanto que para os moços levava-se em conta o capital econômico, o prestígio político (PITT-RIVERS, 1992).

Numa modernização em que tudo que não condizia com os significados de uma cultura urbana moderna ficava de fora do quadro esboçado, a *Princesa do Sertão* começaria a adquirir experiência no jogo das relações sociais, aprendendo a se desinibir e a freqüentar lugares sofisticados, a apresentar-se elegantemente, sem, contudo, deixar de ser honrada. O tempo mudava as faces da *Princesa do Sertão*. Como uma moça que entrava para uma fase da vida marcada por ambivalências, havia uma convivência contraditória dos elementos de sua emancipação e de sua subordinação, sempre em choque e negociação.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1980.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

PITT-RIVERS, Julian. "A Doença da Honra". In CZECHOWSKY, Nicole (Org.). **A Honra: Imagem de Si ou o Dom de Si – Um Ideal Equívoco**. Porto Alegre: R&PM, 1992.

ROCHA, Cristiane Lima Santos. **Moderna, mas honrada: moralidade e honra sexual Feira de Santana (1940 – 1960)**. Salvador: Saggá, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Cristiane Lima. **Moderna, mas honrada: moralidade e honra sexual Feira de Santana**

(1940 – 1960). Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, 2010.

SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928)**/ Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

